

# **Lavoura Arcaica: análise de personagens na literatura e no cinema<sup>1</sup>**

GONÇALVES, Érica R.<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo – UMESP

## **Resumo**

O presente trabalho aborda as principais características das personagens da obra de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica* e as simbologias que as circundam. Para a análise, serão levados em consideração aspectos da narrativa e do período no qual a obra foi escrita e lançada. A adaptação da obra para o cinema também será tratada ao final do artigo, contextualizando as características levadas para a obra cinematográfica.

**Palavras Chave:** Literatura Brasileira, Cinema, Adaptação.

## **I - Introdução**

O presente trabalho tem por objeto analisar a obra de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*. Escrito em 1975, o livro tem como protagonista o jovem André, que sai de casa para buscar suas verdades e esquecer a paixão proibida que nutre pela irmã Ana. O retorno se dá quando o irmão mais velho, Pedro, vai buscá-lo, trazendo-o de volta ao seio da família.

A análise de características e ações das personagens, bem como de alguns rituais e símbolos vinculados a elas, pode levar a uma nova visão do livro.

A *Bíblia*, mais especificamente passagens do *Velho Testamento*, será usada na tentativa de captar a complexidade de comportamentos das personagens e para elucidar algumas passagens da obra.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VI Congresso Nacional de História da Mídia – GT História da Mídia Audiovisual.

<sup>2</sup> Formação acadêmica em Comunicação – Jornalismo; especialização em Língua e Literatura pela Universidade Metodista de São Paulo; mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, orientada pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Lúcia Reimão.

Em seguida, será realizada também uma análise sobre como estas personagens foram levadas do livro para as telas de cinema e quais as influências desta modificação de suporte foram sofridas pela obra.

## **II - Raduan Nassar e sua obra**

Raduan Nassar foi um autor de poucas obras. Além de *Lavoura Arcaica*, escreveu também a novela *Um Copo de Cólera* e outros três contos, um em edição não comercial, sendo eles: *Ai pelas três da tarde*, *O vento Seco* e *Menina a Caminho*

Recluso em sua fazenda no Interior de São Paulo, Nassar anunciou em 1984 que deixaria oficialmente a carreira de escritor, após ter lançado os dois primeiros títulos. Depois disso escreveu os três contos supracitados e nada mais. Além de não se ter notícia de novas produções do autor, pouco se sabe sobre ele próprio.

Em 1996, o Instituto Moreira Salles dedicou um volume da série *Cadernos de Literatura Brasileira* ao autor. Além da entrevista, rara, com Nassar e depoimentos de amigos do escritor, Leyla Perrone-Moisés escreve um ensaio no qual descreve os textos de Nassar como uma recusa de obediência, da cumplicidade e do amor<sup>3</sup>.

*Lavoura Arcaica* completou, em 2005, 30 anos de publicação ganhando edição comemorativa e o lançamento em DVD de sua adaptação cinematográfica, até então restrita às salas de cinema. O livro, que discute a vida de uma família de fazendeiros a partir da saída e retorno de um dos filhos, é aclamado e reverenciado como uma das mais belas obras pós-modernas brasileiras.

Sem definir o tempo cronológico, o da ação, ou mesmo precisar onde se localiza a família ou sua descendência exata, essa narrativa de Nassar dá algumas pistas sobre estes pontos, mas cabe ao leitor fazer seu julgamento e tirar suas conclusões. Uma destas pistas deixadas pelo autor é a referência ao Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos: “Vos serão interdidas: vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs,...” (L. A. p 145). Ao mesmo tempo, citações bíblicas feitas durante os sermões impostos pelo pai, colocam em dúvida a crença da família.

---

<sup>3</sup> Leila Perrone- Moises, “Da Cólera ao Silêncio”, *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1996, pp. 61- 77.

Muito já foi dito e escrito sobre *Lavoura Arcaica*. Em seu estudo sobre o livro, André Luis Rodrigues atenta para a paixão, em vários sentidos, contida na obra. Para ele, a obra é perturbadora, quebrando tabus e mostrando desencontros, momentos dramáticos e paixões violentas que terminam na catarse trágica<sup>4</sup>.

É fato que *Lavoura Arcaica* apresenta uma grande intertextualidade com temas e arquétipos do Velho Testamento. A figura do Pai, os lugares em que cada membro da família se senta à mesa, o trabalho na fazenda, a divisão do pão e os sermões dados aos filhos como forma moralizadora são apenas alguns pontos de ligação entre os textos.

A transgressão às regras sociais e as convenções, a paixão de André pela irmã Ana e a busca de respostas fora da família, o retorno do “Filho Pródigo” são os temas desta obra repleta de simbologia e arquétipos e que quebra com a narrativa tradicional, já que o estilo de escrita adotada pelo autor implica sugestivamente o modo como Raduan gostaria que a obra fosse lida; por vezes num ritmo acelerado, imposto pela falta de pontuação; por vezes mais lento e pensativo, também imposto, desta vez inversamente, pela pontuação.

### **III - O trágico em Lavoura Arcaica**

A primeira leitura de *Lavoura Arcaica* leva o leitor ao questionamento sobre a postura de André como um herói ou como um vilão. É inegável que a personagem principal do livro não é o mocinho esperado pelo público, mas sua postura e sua ação levam o leitor a refletir sobre as convenções sociais e sobre como o destino atua na obra.

Para Martin Feijó, no século XX o herói deixou de ser uma categoria que é parte da criação, para ser um motivo de reflexão.<sup>5</sup> Ele agora reflete sobre sua própria alma e suas ações.

Como numa tragédia grega, André de *Lavoura Arcaica* é o herói que decai, que deixa a casa, a família, em busca de seu destino. Nesta jornada ele cresce e obtém experiência, mas acaba retornando para a fazenda, levado a se redimir de suas ações.

---

<sup>4</sup> André Luis Rodrigues, “Ritos da Paixão em Lavoura Arcaica”, São Paulo, Edusp, 2006, p. 9.

<sup>5</sup> Martin Feijó, “O que é Herói”, São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 77.

Para Aristóteles, a tragédia é a imitação de uma ação, executada através de personagens que agem e por esta ação da personagem é que o público chega à catarse. Caso não haja este efeito, a obra não foi completa.

O filósofo também introduz a concepção de herói. No caso do protagonista André, pode-se dizer que ele se encaixaria na categoria de herói trágico em sua situação intermediária, como afirma Aristóteles:

É a do homem que não se distingue muito pela virtude e pela justiça; se cai no infortúnio, tal acontece não porque seja vil e malvado, mas por força de algum erro; e esse homem há de ser algum daqueles que gozam de grande reputação e fortuna, como Édipo e Tiestes ou outros insignes representantes de famílias ilustres. (ARISTÓTELES, 1979, p. 252).

Frye (1957) discute a tragédia como uma obra que tende a concentrar-se em um indivíduo, que “situa-se nalgum lugar entre o divino e o ‘demasiado humano’”.<sup>6</sup> O teórico também coloca o herói da tragédia numa posição de perturbador da ordem natural, e o final da ação trágica é sempre o restabelecimento desta ordem.

Em *Lavoura Arcaica* é justamente a saída de André da fazenda o ponto de partida para este desequilíbrio. Com o desenrolar da trama, quando Pedro, o irmão mais velho, chega para levar o irmão desgarrado de volta para a família, é que os fatos que levaram André a deixar a casa vão sendo revelados, trazendo consigo as transgressões e perturbações da personagem, que causam no leitor repúdio e complacência com o protagonista.

Ainda tendo como base as teorias de Frye, podemos dizer que André é o típico herói trágico, já que ele não é dono de seu destino e sim levado pelos acontecimentos a cometer as ações que lhe cabem. Frye fala ainda que uma das teorias sobre a tragédia é que “o ato que desencadeia o processo trágico deve ser primariamente uma violação da lei *moral*, seja humana, ou seja divina; (...)” (FRYE, 1957, p. 207).

E é justamente a paixão de André pela irmã Ana e a consumação deste amor num ato sexual incestuoso que desencadeia a saída do protagonista do seio da família; é o amor proibido que gera todas as incertezas e dúvidas na personagem e que transforma a família e sua dinâmica, culminando, quando do retorno de André, no trágico final da obra, quando o pai supostamente mata Ana com um golpe de ferramenta e sofre um

<sup>6</sup> Northrop Frye, “Anatomia da Crítica”, São Paulo: Cultrix, 1957, p. 204.

ataque fulminante. Coloca-se como supostamente já que não fica claro no livro se pai e filha sucumbem na cena final.

Esta ação incestuosa e a punição fatal infligida pelo pai à filha que aparece durante a festa de retorno de André como uma possessa, vestida com peças pecaminosas e dançando de forma imprópria, remetem às parábolas e histórias antigas das tragédias gregas e mesmo do Velho Testamento, como veremos a seguir.

#### **IV - Arquétipos**

*Lavoura Arcaica* é em seu contexto um arquétipo das histórias de famílias patriarcais que nascem junto com as primeiras histórias religiosas e perduram até os dias atuais. A figura da “Família” como uma sociedade inviolável; a imagem do “Pai” como alguém de extrema sabedoria; da “Mãe” como uma figura secundária, e do primogênito, no caso Pedro, como alguém que deverá perpetuar a sabedoria patriarcal são alguns pontos que afirmam esta tese.

No capítulo 24, o protagonista/ narrador fala sobre os lugares que cada membro da família ocupava à mesa:

Eram estes nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (L.A. p 157).

Nota-se neste trecho a diferenciação dos membros da família: ao lado do pai os filhos exemplares; ao lado da mãe, os perdidos. A mãe se caracteriza pelo sentimento incestuoso por André, que por sua vez ama a irmã Ana e é amado por Lula, o caçula. Está então configurado o mapa de transgressão do ramo esquerdo.

Podemos traçar um paralelo desta situação com Adão e Eva e sua expulsão do Paraíso. É Eva quem infringe a regra e por isso é condenada, junto com todas as mulheres, a pagar por seu pecado original.

A divisão da família como ramo direito e esquerdo também remete a outro episódio bíblico; a separação de Abraão e seu primo Ló. O primeiro vai em direção à Canaã, a terra prometida, enquanto o outro vai para Sodoma, que ficaria à esquerda, no Oriente. Na seqüência da narrativa do livro de Gênesis, Abraão tem dois filhos, um bastardo Ismael e outro legítimo Isaque. Ao tornarem-se adultos, Ismael vai ao encontro da linhagem de Ló, enquanto Isaque casa-se com uma mulher de terras férteis, nascendo assim as linhagens religiosas.”<sup>7</sup>

Tomando como base a concepção de Carl Jung, de que todos nascemos com um inconsciente coletivo dotado de todos os arquétipos já existentes desde os tempos mais remotos, mas que apenas alguns são aflorados, poderíamos dizer que o autor toma como base justamente as narrativas do Velho Testamento para compor sua obra.

Mais especificamente André, o protagonista e narrador de *Lavoura Arcaica*, se encaixaria no arquétipo do “Filho Pródigo”, que na Bíblia é justamente a personagem que sai de casa à procura de suas verdades e retorna, humilde, ao seio da família.

Calvin Hall e Gardner Lindzey, em seu livro *Teorias da Personalidade*, discorrem sobre o pensamento de Jung acerca da interferência do destino na vida do indivíduo. Sobre o inconsciente coletivo, argumentam que, para Jung, este era um depósito de traços de memória do passado ancestral do homem; já os arquétipos seriam experiências repetidas a exaustão durante gerações e que se manifestam, não necessariamente isolados, mas também combinados.

Tomando como referência de teoria dos arquétipos da obra *Anatomia da Crítica* de Frye, podemos dizer que André se coloca como um arquétipo do mundo divino demoníaco, personificando os poderes da natureza, especialmente no que diz respeito aos impulsos sexuais.<sup>8</sup> Para Frye, todas as obras literárias fazem parte de um sistema organizado e padronizado, e sua análise é sempre feita em função desta estrutura preconcebida.

O pai também é uma figura arquetipicamente muito forte, que, segundo Frye, é uma figura divina ou espiritual. “Na analogia da inocência as figuras divinas ou espirituais são habitualmente paternas, velhos sábios com poderes mágicos como

---

<sup>7</sup> Gênesis” (13-7/ 21-14).

<sup>8</sup> Northrop Frye, “Anatomia da Crítica”, São Paulo: Cultrix, 1957, p. 148.

Prósperos, ou espíritos guardiães propícios como Rafael antes da queda de Adão.” (FRYE, 1957, p. 152).

## V - Símbolos

*Lavoura Arcaica* também está repleta de símbolos. Desde a imagem da família sentada à mesa repartindo o pão, um dos mais fortes símbolos de união e solidariedade do cristianismo, até as manias apresentadas por André, como o de afundar os pés na terra, ou o ritual do banho, Nassar faz uso do mundo simbólico de forma magistral.

Frye (1957) cita como uma das mais clássicas metáforas pastoris e cristãs a ovelha, animal presente na obra, sempre conduzidas por Ana. A imagem transmitida por este símbolo de inocência e pureza é depois quebrada pelo ato incestuoso cometido com o irmão.

Lê-se, no *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Cheerbrant, a ovelha como um símbolo cristão; acrescenta-se a transformação de cordeiros brancos em negros como a significação das almas que desciam do céu para a terra (p. 672). Em suas jornadas como pastora, Ana costumava sempre levar nos braços uma ovelha, ora branca, hora negra, dando a simbologia de sua transgressão.

Ainda à luz do dicionário, podemos desvendar a simbologia por trás da fixação de André pelos pés e o ato constante de colocá-los na terra, como descrito a seguir:

Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá no bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho; (...) (L.A., p. 13).

Para alguns teóricos como Sigmund Freud e Carl Jung, os pés têm um significado fálico, que se acomodaria ao calçado, além disso, o fetichismo pelos pés também revelam a grande sensualidade desta parte do corpo (CHEVALIER, CHEERBRANT, 2002, p. 694).

Em *Lavoura Arcaica*, os pés de André sempre aparecem em contato com a terra como forma de conter e extravasar seus desejos sexuais pela irmã, ou mesmo quando adolescente.

Outro ritual simbólico na obra é o momento do banho, quando o protagonista volta para casa. Como num rito de purificação, André se entrega aos cuidados das irmãs, antes de se apresentar ao pai e a mãe:

(...) elas me empurraram pela porta do banheiro, me sentando logo no caixote, e, enquanto Rosa, atrás de mim, dobrada sobre meu dorso, atravessava os braços por cima dos meus ombros para me abrir a camisa, Zuleika e Huda, de joelhos, dobradas sobre meus pés, se ocupavam de tirar meus sapatos e minhas meias, e eu ali, entregue aos cuidados de tantas mãos, fui dando conta do zelo que me cercava, já estava temperada a água quente ali da lata, o canecão ao lado, a toalha de banho dependurada, (...) (L.A. 153).

Nota-se neste trecho uma erotização do ritual do banho, que, ainda segundo o *Dicionário de Símbolos*, tem como função principal purificar e regenerar, mas também pode obter conotação erótica e sensual, como para os primeiros cristãos que tinham o banho quente como uma forma de despertar o desejo sexual, enquanto o banho frio serviria como uma forma de mortificação corporal e purificação da alma. (CHEVALIER, CHEERBRANT, 2002, p.119/120).

## **VI - Adaptação para o Cinema**

A mudança de suporte, no caso a adaptação do livro *Lavoura Arcaica* para o cinema (com o título *Lavour'Arcaica*) chama a atenção pela fidelidade com o texto original de Nassar.

A interpretação que o ator Selton Melo faz de André transmite ao espectador toda emoção escrita por Raduan. A manutenção de um narrador durante todo o filme também ajuda a manter na íntegra as características do texto que tem momentos catárticos.

O filme foi dirigido por Luiz Fernando Carvalho e tem como protagonista Selton Melo no papel de André. Outro destaque da produção é a interpretação do pai feita por Raul Cortez. A irmã Ana, outro importante personagem da obra é representada pela atriz Simone Spoladore, que sem dizer uma palavra expressa todos os sentimentos vividos pela personagem, que é de extrema importância para a trama.



Nos créditos extras do filme em DVD, o diretor do longa conta como foi a experiência de transformar *Lavoura Arcaica* em filme. Para Carvalho, usar técnicas de teatro foi a forma encontrada para dar à obra cinematográfica toda importância do livro e transformar cada ator em seu personagem. Para isso, o elenco ficou reunido durante cerca de dois meses na fazenda que serviu de locação para as gravações se integrando e se inteirando de seus papéis.

Ao ler o livro, o leitor é remetido imediatamente às imagens. Deve-se notar, como escreve Hauser (1998), que as obras literárias realizadas após o advento do cinema trazem incorporadas várias características desta nova arte:

A concordância entre os métodos técnicos do cinema e as características do novo conceito de tempo é tão completa que se tem a sensação de que as categorias temporais da arte moderna, como um todo, devem ter surgido do espírito de forma cinematográfica, e fica-se propenso a considerar o próprio cinema como o gênero estilisticamente mais representativo da arte contemporânea, embora qualitativamente talvez o mais fértil (HAUSER, 1998, p. 970).

Neste ponto, a discussão de como estas características da narrativa escrita foram adaptadas para o cinema também é de grande importância. Uma das teorias levadas em consideração neste aspecto é a do tempo de fruição da obra enquanto livro e enquanto audiovisual levantada por Sandra Reimão<sup>9</sup>, que discute exatamente a diferença entre a fruição da leitura, que ocorre num ritmo individual, frente à fruição de uma obra audiovisual impressa pela forma de condução do filme, sendo que o tempo de apreciação do espectador do audiovisual é delimitada, enquanto ao leitor lhe cabe estabelecer, individualmente, o tempo de leitura.

Voltando a análise das personagens sob o aspecto arquetípico, podemos citar Martin Cezar Feijó, que escreve sobre o herói moderno como alguém que quer ser ele mesmo, ao contrário do herói épico, que deveria cumprir um papel e por isso mesmo a juventude se identifica com este novo modelo de herói que tenta conquistar seu espaço na sociedade corrompida.

Feijó continua seu estudo e chega à indústria cultural tratando também do cinema como uma mídia de nivelamento por baixo, que massifica e torna tudo descartável:

---

<sup>9</sup> Sandra Reimão, “Livros e Televisão”, São Paulo, Ateliê Editorial, 204, pp. 112-113

A cultura massificada nivela tudo por baixo e oferece um produto cultural facilmente assimilável, mas também descartável. A grande imprensa, a indústria cinematográfica e a indústria do disco vêm construir o ponto mais visível dessa nova ordem cultural (FEIJÓ,1995, p 86).

Esta afirmação é altamente questionável quando, por exemplo, tratamos de adaptações como a obra em estudo, já que o filme tornou-se popular nos círculos de cinema de arte, mas não atingiu o grande público.

Theodor W. Adorno, fala sobre as transformações sofridas pelas artes comparando a substituição da literatura pelo cinema, assim como a da pintura em fotografia. Por conta destas modificações, tanto a artista plástico tem que criar um novo meio de fazer arte, como o escritor deve achar uma forma original de narrativa<sup>10</sup>.

Walter Benjamin também fala sobre a reprodutibilidade em massa das obras antes restritas a um público menor e sobre como este fato modifica as relações entre o público, agora em massa, e a arte. Para o teórico, a massa acaba por absorver a arte por osmose, sem pensar muito em seu significado<sup>11</sup>.

## VII – Considerações Finais

*Lavoura Arcaica* é permeada de simbologia e de arquétipos, levando o leitor a uma viagem nas entranhas da psique humana nas suas mais densas faces. Aos mais desavisados pode parecer uma obra que profana a família e os valores, mas mostra, na verdade, uma das possibilidades e das conseqüências de se viver num ambiente viciado e fechado.

Nos sermões do pai, um dos temas mais abordados é a correção do caráter e a necessidade de cuidar da união da família e de não buscar fora o que se pode plantar e colher na propriedade. O andar correto sob as leis da religião e não transgredir as regras, não se deixar levar pela paixão avassaladora e outros paradigmas, são colocados pelo patriarca como regras inquebráveis, que acabam caindo por terra, uma a uma, nos atos de André.

---

<sup>10</sup> Theodor W. Adorno, “Notas de Literatura I, São Paulo, Editora 34, 2003, p. 56.

<sup>11</sup> Walter Benjamin, “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica”, *Obras Escolhidas*, São Paulo, Brasiliense, 1987 pp. 187- 193.

Embasando-se nos preceitos crítico e teórico utilizados, o que fica é que o protagonista da história, assim como os grandes heróis históricos, tem que quebrar as regras, transgredir os paradigmas e sofrer com suas ações para só então se redimir e reconstruir sua identidade.

Especificamente sobre André, não fica claro se a decisão de voltar para a família foi sua escolha, ou uma obrigação com sua consciência, mas é certo que seu retorno é sobretudo um retorno infeliz e, por falta de opção, já que o mundo fora dos limites da família não foi como o esperado.

*Lavoura Arcaica* se consagra como uma das grandes obras de nossa era por ser exatamente transgressora e ao mesmo tempo ingênua, quando mostra que o amor de André e Ana é na verdade um amor adolescente e puro, que se transforma num grande transtorno para ambos devido às considerações sociais.

Refletir sobre seus personagens e sobre as convenções trazidas e passadas de geração a geração e que são quebradas de tempos em tempos é a maior herança de Raduan Nassar, que com poucas obras deixou um grande legado para a cultura brasileira.

## Referências bibliográficas

**A Bíblia Sagrada.** Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I.** Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

ARISTÓTELES. **Poética.** Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica.** In: Obras Escolhidas I, 3º ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos.** 17ª ed. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2002.

FEIJÓ, Martins Cezar. **O que é Herói.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica.* Trad. Péricles E. da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

HALL, Calvin Springer; LINDZEY, Gardner. **Teoria Analítica de Jung.** In: Teorias da Personalidade. Trad. Lauro Bretones. São Paulo: EPU, 1973.

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Literatura**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

**Lavour'Arcaica**. Dir. Luiz Fernando Carvalho. Brasil. Europa Filmes. Rio de Janeiro, 2001.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Editora Record, 1975.

NASSAR, Raduan. **Menina a Caminho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NASSAR, Raduan. **Um Copo de Cólera**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Da cólera ao silêncio**. In: Cadernos de Literatura Brasileira – Raduan Nassar. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

REIMÃO, Sandra. **Livros e Televisão Correlações**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

RODRIGUES, André Luis. **Ritos da Paixão em Lavoura Arcaica**. São Paulo: Edusp, 2006.